

ENTREVISTA com Alfredo Wagner Berno de Almeida¹

MÁRCIA MILENA GALDEZ FERREIRA

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2912-0471>

Doutora em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF)
Professora Adjunta IV do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação
em História da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA)
São Luís/Maranhão/Brasil
milenagaldez@gmail.com

YURI COSTA

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7291-2410>

Doutor em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)
Professor Adjunto III do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação
em História da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA)
Defensor Público Federal
São Luís/Maranhão/Brasil
yuricosta800@gmail.com



Entrevista com Alfredo Wagner Berno de Almeida, antropólogo e membro da coordenação do Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia (PNCSA). O entrevistado é doutor em Antropologia pelo PPGAS-Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), bolsista produtividade-CNPq, pesquisador sênior da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) e professor permanente e colaborador em diferentes Programas de Pós-Graduação, dentre eles, o de Ciências Humanas da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), de Cartografia Social e Política da Amazonia da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), de Antropologia Social da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e de Sociedade e Cultura na Amazônia da UFAM. Recebeu, ao longo de sua trajetória,

¹ Entrevista submetido à avaliação em agosto de 2023 e aprovado para publicação em dezembro de 2023.

Outros Tempos, vol. 21, n. 37, 2024, p. 310-315. ISSN: 1808-8031

diferentes premiações, entre elas o Prêmio Roquette Pinto, da Associação Brasileira de Antropologia (ABA-2022), e o Prêmio da Ordem Nacional do Mérito Científico (2021).

Alfredo Wagner trabalha com temas relacionados a povos e comunidades tradicionais, etnicidade, conflitos, movimentos sociais, processos diferenciados de territorialização, cartografia social e Amazônia. Há décadas, contribui, consideravelmente, para o campo acadêmico e para a defesa de povos e comunidades tradicionais no Maranhão. É de sua autoria o laudo antropológico sobre o Território Étnico de Alcântara e os impactos da Base Espacial ali localizada, concluído em setembro de 2002 e que até hoje sustenta a luta pela titulação do território tradicional. Fundou, em agosto de 2013, o Programa de Pós-Graduação em Cartografia Social e Política da Amazônia (PPGCSPA) da UEMA, referência no estudo de territorialidades específicas e em dar visibilidade aos modos de criar, fazer e viver das diferentes comunidades tradicionais.

A entrevista foi submetida à avaliação em dezembro de 2023 e aprovada para publicação em janeiro de 2024. As questões propostas foram formuladas pela Prof. Dra. Marcia Milena Galdez, da Universidade Estadual do Maranhão e atual representante da Regional Nordeste da Associação Brasileira de História Oral (ABHO), e pelo Prof. Dr. Yuri Costa, da Universidade Estadual do Maranhão, que atuou como presidente e vice-presidente do Conselho Nacional de Direitos Humanos (CNDH), entre 2021 e 2022. No âmbito desta publicação, os entrevistadores serão designados como OT (Outros Tempos).

OT - Alfredo, o Maranhão tornou-se um campo de trabalho e de observação privilegiados há cinco décadas com a sua inserção em equipes do Museu Nacional, da CPT e, posteriormente, do MIRAD (Ministério da Reforma e do Desenvolvimento Agrário) datam do final dos anos 70 e início da década de 80.

Alfredo Wagner: Refletir criticamente sobre as experimentações de pesquisa no Maranhão, das quais participei, nestas últimas cinco décadas, tornou-se uma questão relevante para mim, principalmente a partir de julho de 2016, quando fui convidado pela Fetaema (Federação dos Trabalhadores da Agricultura do Estado do Maranhão) para participar de uma mesa redonda no decorrer do 8º Congresso Estadual de Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras Familiares do Estado do Maranhão. Nesse evento,

Outros Tempos, vol. 21, n. 37, 2024, p. 310-315. ISSN: 1808-8031

lancei a terceira edição de **Autonomia e Mobilização Política dos Camponeses no Maranhão**, livro que elaborei no âmbito da CPT e dei a público entre 1979-81. A recepção entre os trabalhadores rurais, participantes diretos de muitos dos conflitos abordados no livro, foi por demais calorosa e afetiva num auditório repleto com mais de 600 participantes. A **atualidade** dos debates relacionados às formas político-organizativas, ao advento de novas identidades objetivadas em mobilizações por terra e por território e aos elevados índices de violência nos conflitos sociais, numa conjuntura de ampliação do mercado de *commodities*, levaram-me a pensar em resgatar discussões que pudessem sublinhar os efeitos de iniciativas autoritárias na reestruturação do mercado de terras no Maranhão. De pronto, ressaltei a “Lei Sarney de Terras”, de 1969, cujos efeitos percebemos durante o trabalho de campo na Baixada Maranhense, em 1972 e 73, e que se tornou objeto de reflexão tanto por parte da antropóloga Laís Mourão quanto por mim, desde 1974 e janeiro de 1975, num conhecido texto de autoria conjunta intitulado “Questões Agrárias no Maranhão Contemporâneo”. Em virtude do interesse despertado nas lideranças sindicais e no âmbito do Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB), recuperei esse texto em livro e o lancei em 2017. Essa percepção de que estava diante de **questões atuais**, sem qualquer nostalgia ou tentação historicista, impeliu-me a participar de muitos debates, a ministrar cursos na Fetaema e no MIQCB e a manter vivas discussões, sobre a desagregação dos “grandes empreendimentos de agricultura tropical” e o advento de comunidades quilombolas, com colegas do Centro de Cultura Negra (CCN), que conduziam as experiências de pesquisa ainda referidas ao Projeto Vida de Negro, que tivera destaque em 1988. Gostaria de recordar, em especial, a participação do médico Luiz Alves nesse processo de discussão, que, de algum modo, deu sequência às experiências de pesquisa com Magno Cruz, Ivan R. Costa e outros saudosos companheiros nos trabalhos de elaboração do texto **Quebrando o Mito do Isolamento**. A noção de Maranhão correspondia, nesse início dos anos 70 do século passado, nas conversas de corredores do PPGAS (Programa de Pós-graduação em Antropologia Social) do Museu Nacional, a um vasto “laboratório de pesquisas” sobre as questões agrárias e a violência no campo, atingindo, povos indígenas e posseiros, num quadro de elevadíssimos índices de concentração fundiária.

OT - Que acontecimentos ou clivagens destacaria em relação à violência no campo maranhense, e na Amazônia de um modo geral, da segunda metade do século XX

Outros Tempos, vol. 21, n. 37, 2024, p. 310-315. ISSN: 1808-8031

ao tempo presente? É possível tipificar e localizar cronologicamente distintas formas e usos de violência pelas elites agrárias?

Alfredo Wagner: As pesquisas de Moacir Palmeira, Lygia Sigaud e equipe na zona da Mata, focalizando o movimento sindical dos trabalhadores rurais face às grandes plantações de cana de açúcar, e, logo após, a de Otavio Velho no Maranhão e no Pará, bem como aquela de Neide Esterci, no Mato Grosso e Goiás, intitulada “Mito da Democracia no País das Bandeiras”, todas sublinhando que o sistema repressor da força de trabalho intrínseco às *plantations* concernia a uma situação social do presente, não sendo apenas um fato dominante da sociedade colonial. Em outros termos, chamavam a atenção para o seguinte: a “escravidão de plantation”, como também frisam Mintz, Wolf e Barrington Moore², consiste num obstáculo permanente à democracia. Gostaria de acrescentar que tal obstáculo tem-se renovado em situações históricas de transição, como no momento atual, quando uma visão triunfalista dos agronegócios alardeia a “reprimarização da economia” e registra num número preocupante de ocorrências de trabalhadores submetidos a formas de imobilização análogas à escravidão. Estes empreendimentos que adotam inovações tecnológicas na produção de *commodities* agropecuárias e minero-metalúrgicas poderiam ser classificados, nesta ordem, como as “*novas plantations*”.

OT- De que modo a sua experiência com posseiros, quebradeiras de coco, ribeirinhos, raizeiros, cipozeiros, Sem Terra, indígenas e quilombolas contribuiu para sua formação e atuação acadêmica? É possível sinalizar clivagens nos padrões de mobilização e nas estratégias acionadas pelos movimentos sociais do Campo dos anos 70 ao tempo presente?

² O antropólogo Alfredo Wagner sinaliza para algumas dessas referências mencionadas no trecho acima. Mintz, S. (2012) *A escravidão e a ascensão de camponeses*. Mintz, S. (1985) *A antropologia da produção de plantation* In: *Economia e movimentos sociais na América Latina* in CARDOSO, Fernando H. Cardoso; FONT, Bernardo S. M. (orgs). São Paulo: Ed. Brasiliense; Mintz, S. *O poder amargo do açúcar: produtores escravizados, consumidores proletariados*. 2º edição. Recife: Editora UFPE, 2010. Wolf: *Pueblos y Culturas de Meso América*; MOORE, Barrington Jr. *As origens sociais da ditadura e da democracia*. Senhores e camponeses na construção do mundo moderno Lisboa. Editora Cosmos, 1975.

Outros Tempos, vol. 21, n. 37, 2024, p. 310-315. ISSN: 1808-8031

Alfredo Wagner: Pode-se imaginar que não apenas os movimentos sociais no campo assumiram novas expressões. Também adotaram tecnologias de ponta e expandiram as suas atividades: os empreendimentos mineradores e aqueles dos agronegócios. Redefiniram os seus argumentos incorporando fatores ambientais, numa dinâmica que José Sergio Leite Lopes conceitua como “processo de ambientalização”, que passa a ser incorporado pelas estratégias empresariais, tão precisamente perscrutadas por Henri Acselrad, e pelas iniciativas de licenciamento, analisadas de maneira detida por Deborah Bronz.

OT - A Nova Cartografia Social da Amazônia, projeto com mais de 20 anos de vigência, que envolve mais de 200 pesquisadores, bem como o investimento mais recente na criação de Museus Vivos, constituem-se em uma materialidade e aplicabilidade de uma trajetória de anos de experiência de pesquisa e do acompanhamento e atuação em mobilizações políticas no Campo brasileiro. Como você avalia a concepção e os desdobramentos do projeto?

Alfredo Wagner: A chamada “crise dos mediadores” nos anos imediatamente posteriores à Ditadura Militar (1964-março de 1985), que contemplaram a Assembleia Constituinte, afetou, , as entidades sindicais e confessionais. Não somente os indígenas se agruparam em novas formas político-organizativas, mas também os seringueiros, as quebradeiras de coco babaçu, os pescadores, as comunidades quilombolas, os ribeirinhos, além de centenas de outras unidades sociais emergiram segundo critérios ecológicos, com raízes locais profundas e com visões específicas de terras e territórios. O resultado foi um vasto repertório de novas identidades coletivas, transformadas em agentes políticos, evidenciando que as lutas econômicas não estão dissociadas das lutas identitárias. Concomitantemente, formas político-organizativas, anos antes inimaginadas, emergiram com força mobilizatória, questionando o padrão de relações políticas, impelindo à adoção de novos conceitos e noções operacionais para dar conta desta profunda transformação, que redefiniu a noção de tradição, libertando-a dos procedimentos de “cronologia” e de “linha do tempo”, afastando-a da ideia corrente de um tempo linear. A expressão “povos e comunidades tradicionais” ganhou força política a partir de então, tendo sido convertida em lei, definida em termos de uma legislação específica, cuja aplicação começou a estancar os deslocamentos compulsórios de povos

Outros Tempos, vol. 21, n. 37, 2024, p. 310-315. ISSN: 1808-8031

e comunidades atingidos por “megaprojetos de infraestrutura”, tais como: rodovias, ferrovias, portos, barragens, Unidades Hidrelétricas (UHE’s), base de lançamento de foguetes, linhas de transmissão de energia, entre outros. O Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia foi implementado coadunado com essas transformações sociais e políticas, após experiências prévias de produção coletiva registradas nas duas edições do livro **A Guerra dos Mapas** e do mapa correspondente.